

# A TEORIA DAS DEZ INTELIGÊNCIAS NA FILOSOFIA ÁRABE

ROSALIE HELENA DE SOUZA PEREIRA

Na teologia corânica, Deus não tem nenhuma relação com o mundo sensível, na medida em que Sua perfeição impõe uma absoluta separação do profano. Enquanto o Deus hebraico entregou diretamente a Moisés sua Lei, no Islã foi pela mediação do Anjo Gabriel que o Profeta Maomé recebeu a mensagem divina. Conceber Allah no universo e pensar Sua ação na matéria como Criador de todas as coisas é o desafio com o qual se defrontou al-Fârâbî (870-950 d.C.), filósofo comprometido com a fé islâmica que, ao construir seu sistema procurou demonstrar, mediante a Razão, as verdades reveladas no *Corão*.

Conceber Deus como pensamento que se pensa a si mesmo, ou como motor imóvel tal como é pensado no interior da filosofia aristotélica, e à qual os árabes tiveram acesso, está distante do dogma islâmico porque, para os muçulmanos, Deus não é um ser solitário e desprovido de poder. Através da contemplação o homem chega a Deus, mas, como chega à suas criaturas o Criador? Procurando responder à esta questão, al-Fârâbî e, mais tarde, Ibn Sînâ ou, como ficou conhecido no Ocidente, Avicena (950-1037 d.C.), elaboraram um sistema cosmológico inspirado nas *Enéadas* de Plotino, obra que chegou aos árabes em partes e ficou conhecida com o nome de *Teologia Aristotélica*.

---

Rosalie Helena de Souza Pereira é mestranda em Filosofia na Universidade de São Paulo.

Do mesmo modo que para os latinos, a filosofia do mundo islâmico defrontando-se com um dos dilemas básicos da Idade Média, procurou elaborar sistemas que pudessem responder à questão que sempre mais atormentou o ser humano, a questão da sua própria origem. Porque, em tentando resolver a relação de Deus com sua criação, procura-se, em última instância, resolver o mistério da própria vida.

No rastro da escola alexandrina, al-Fârâbî, conhecido entre os árabes como O Segundo Mestre depois de Aristóteles, elaborou a teoria das emanções, também conhecida por teoria das Dez Inteligências, o que tornou possível a ligação do mundo sensível com o mundo inteligível. Esta teoria permeou todos os sistemas filosóficos comprometidos com a fé islâmica e está no coração da metafísica uma vez que resolve, ao mesmo tempo, os problemas do mundo celeste e do mundo sublunar. Abrange os seres inteligíveis e incorruptíveis sem negligenciar os seres sujeitos ao movimento, à mutação e à finitude. Separa o mundo eterno do mundo em constante devir e estabelece a relação entre o Uno e o múltiplo, entre o divino e o profano.

Elaborada para reconciliar Liceu e Islã, esta teoria que reúne teologia, cosmologia e psicologia, ao mesmo tempo em que se separa de Aristóteles, tenta o acordo com o peripatetismo. Em Aristóteles, a matéria primeira não tem começo, é eterna, necessária, não teve criador. Na teologia corânica, o mundo é criação divina, portanto, com um início, e não é nem necessário nem eterno. Acreditada pertencer a Aristóteles, a *Teologia Apócrifa*, serviu de modelo para a construção lógica que explica a origem do Universo. A tarefa de al-Fârâbî consistiu em elaborar uma síntese que desse conta da fé e da razão. Seu sistema admite a eternidade da matéria que, enquanto obra divina, permanece eterna e necessária na teoria das dez Inteligências.

Na origem da existência está o Ser Necessário que corresponde, *grosso modo*, ao Bem de Platão, ao Primeiro Motor de Aristóteles e ao Um de Plotino. Denomina-se Ser Necessário porque, de acordo com Avicena, o Ser é um componente essencial da sua essência. Princípio Primeiro, Uno e Eterno, não admite nem multiplicidade nem mudança; é Puro Intelecto porque é Aquele que entende, é o próprio Intelecto e é o Inteligível. Primeira e única Causa de todas as coisas, enquanto Puro Intelecto em ato, tem conhecimento da existência do *cosmos* em potência que o ato de inteligência traz à existência com a geração da segunda e terceira divisão do universo: as substâncias imateriais e abstratas das esferas celestes e os corpos materiais do mundo sublunar.

Do Ser Necessário emanam Seres celestiais, as dez Inteligências. A Primeira Inteligência emana diretamente do Ser Necessário e gera três outros seres. Neste ato de emanação, a Primeira Inteligência intelige o Ser Necessário fazendo-se necessária a geração de uma Segunda Inteligência imediatamente abaixo. Deste modo, as Inteligências se geram até a Décima e última Inteligência. Nesse processo emanatório, cada Inteligência, à exceção da última, além de emanar a Inteligência seguinte, gera, como resultado de sua auto-reflexão, uma Alma e um Corpo celeste que correspondem às nove esferas celestes e nove almas que formam o mundo divino separado do mundo profano.

A antiga concepção grega da divindade do Céu foi, de certa maneira, adaptada por al-Fârâbî. Já na *Metafísica*, 1074 B, Aristóteles fazia menção a esta tradição cuja crença estabelecia que as primeiras substâncias são deuses. Al-Fârâbî transformou as esferas-deuses em Inteligências o que harmoniza a antiga concepção cosmológica grega com o islamismo. Mantém-se a unidade de Deus e, para não colocar em risco o dogma do monoteísmo, Avicena batizou Inteligências e almas celestes com o nome de Anjos. Agentes criadores, seres inteligíveis e pensamentos que se pensam a si mesmos, os Anjos têm funções próximas a Deus, presidem os grandes movimentos da natureza e são mensageiros de Allah, portadores de Sua palavra aos profetas. Todavia, não têm nenhum poder próprio e se limitam a obedecer as ordens divinas uma vez que a teologia islâmica não permite nada que possa conduzir ao politeísmo.

O sistema cosmológico elaborado por al-Fârâbî e Avicena parte de uma concepção geocêntrica do mundo que dominou na Antigüidade e na Idade Média. Concebido pelos gregos no V.º século a.C., o sistema foi adotado por Platão e Aristóteles. O *Timeu* assinala uma primeira descrição que foi, mais tarde, amplamente desenvolvida pelo Estagirita. De acordo com este sistema, o universo é constituído por oito esferas concêntricas que giram em torno da Terra, a maior delas contendo as estrelas fixas. As outras sete se sucedem numa ordem descendente e cada uma delas se refere a um planeta conhecido: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua. Os dois luminares eram considerados planetas. Al-Fârâbî, influenciado por Ptolomeu, acrescenta, depois da oitava, uma nona esfera sem estrelas. Conhecedor e comentador de Aristóteles, inspirou-se, também, no controvertido Livro L da *Metafísica* para construir seu sistema. Essas esferas se movem num movimento circular e eterno.

Cosmologia inspirada em Aristóteles, foi profundamente influenciada pelo espírito neoplatônico: no lugar de astros, leram Inteligências

ou seres transcendentais, confundiram princípio de movimento com alma e fizeram do Primeiro Motor Imóvel, Deus. Todavia, defrontaram-se com problemas que pareciam insolúveis: que papel tem Deus no movimento celeste? Será Deus que age nas Inteligências que, por sua vez, movem as esferas, ou Deus age diretamente sobre as esferas? Sendo as Inteligências motores imóveis e seres eternos, imateriais, como é possível a ação divina sobre elas? Qual é o estatuto e função das Inteligências se elas estão submetidas à ação divina? Os astros se movem por sua alma ou por sua natureza móvel? Como admitir que a alma, força incorpórea e limitada, seja o motor de uma esfera que, na teoria aristotélica, será sempre eterno e anterior ao movido?

Neste quadro cosmológico de inspiração neoplatônica, o motor da cosmogonia é o princípio aristotélico da dicotomia entre potência e ato. O desdobrar-se do Universo se faz por *enteléquia* porque cada Inteligência atualiza sua potência criativa gerando ou emanando uma Inteligência abaixo, uma Alma e um Corpo celeste. Esse processo de atualização ocorre necessariamente uma vez que cada Inteligência é uma essência perfeita no que se refere à sua capacidade de realização. Do mesmo modo, as Almas celestes movem as esferas ou corpos celestes cuja potência é atualizada em seu movimento de rotação. A Alma é o princípio direto do movimento esférico. Enquanto forma da esfera, tem uma potência finita que não lhe permite ser motor de um corpo celeste. Para que haja rotação da esfera, é necessário um princípio com potência infinita, princípio este que provém da Inteligência. As Inteligências, motores imóveis, emprestam sua força às Almas que efetuam o movimento, cada qual na sua própria esfera. Como todas as Inteligências estão voltadas para o Ser Necessário, é Ele o motor da totalidade dos céus, o que vem garantir a unidade criadora revelada no *Corão*.

As contradições que o sistema de Aristóteles apresenta são resolvidas com o sistema de Plotino. Conciliado com o dogma islâmico, a finalidade de todo este sistema é chegar à perfeição. O amor-adoração, móvel de todo o universo, leva as almas a se aproximarem de sua Inteligência, adquirir sua forma e, uma vez voltadas para o Ser Primeiro, d'Ele receber a perfeição. Almas e Corpos celestes são homólogos à alma e ao corpo humanos. A alma humana é o princípio que anima o corpo humano tal como as Almas são o princípio do movimento das esferas celestes. Neste processo teleológico, cada nível da hierarquia realiza sua perfeição através da adoração e do amor que sentem pelo Ser Primeiro, o que constitui o móvel eterno de todo o Universo.

Neste sistema tríplice de emanção – Inteligência, Alma e Esfera, que continua em nove níveis, quando chega à Décima Inteligência, a Inteligência abstrata da matéria nas palavras de al-Fârâbî, a força cósmica emantaria desta Inteligência é incapaz de gerar outra alma e esfera, o que impede o processo de continuar as emanções ao infinito. No lugar de outro corpo celeste, surge a matéria que, num primeiro momento, tem a forma simples dos quatro elementos – terra, água, fogo e ar, e depois, nas formas compostas, constitui o mundo tal como o conhecemos. A vida terrestre surge nos seres – plantas, animais e seres humanos, animada pela Alma do Mundo emanada da Inteligência Agente ou, para seguir a expressão de al-Ghazzâli, do Doador de Formas. Todavia, somente os seres humanos retêm algo da Inteligência celeste porque são os únicos capazes de pensamento racional.

Dois são os princípios que se encontram no fundamento desta teoria, sem os quais ela seria incompreensível:

1. De um ser perfeitamente Uno pode proceder somente um ser. Supor que de Deus emanam diversos seres é introduzir a multiplicidade na Sua essência. A Primeira Inteligência emanada tem como papel primordial salvaguardar a unidade do Ser Necessário e é plenamente aplicado o princípio alexandrino do LIVRO DAS CAUSAS e da *Teologia Pseudo-Aristotélica*, *ex uno non provenit nisi unum*, do Um não pode provir senão o Um. Plotino sustentava que a unidade absoluta da Causa Primeira opõe-se a que dela se hipostasiem diversos seres. Dessa Causa Primeira emana a primeira e mais simples criatura. Al-Fârâbî faz a primeira emanção ser una e múltipla simultaneamente pois, em se separando do ser Primeiro, sua natureza múltipla é introduzida uma vez que, advindo do exterior, sua existência é possível em si. Assim, a simplicidade da primeira emanção não é a unidade absoluta da Causa Primeira ainda que sua unidade e simplicidade sejam mantidas uma vez que conhece sua própria essência enquanto conhece o Ser Necessário. Sua natureza múltipla é introduzida porque é dela que decorre a geração de uma alma, de uma esfera e da Segunda Inteligência. A unidade do Ser Primeiro permanece inalterada porque é por intermédio da Segunda Inteligência que decorre o múltiplo.

2. Para conceber a natureza múltipla das emanções, al-Fârâbî introduz o segundo princípio de sua teoria, a divisão tripartita que se manteve na escolástica islâmica: o necessário, o necessário hipotético e o possível.

Esta divisão deu origem à distinção clássica medieval entre essência e existência. Faz parte de sua essência a existência de alguma coisa? Para

o Ser Primeiro, a resposta é afirmativa, enquanto que, para os outros seres, não. Existência e essência são Um em Deus, uma não podendo ser concebida sem a outra. Nos seres múltiplos, separados de sua essência, a existência é um acidente. Uma figura geométrica pode ser concebida na sua essência sem que necessariamente tenha existência. À exceção do Ser Primeiro, todos os seres pertencem à categoria do possível, no que se refere às suas essências, pois dependem de uma causa criadora. O Ser Primeiro é necessário em si mesmo porque tem sua existência sem causa. Os outros seres, que dependem de uma causa, pertencem ao domínio do possível antes de existirem. Uma vez criados, tornam-se reais ou necessários hipotéticos. Têm uma natureza dupla porque são seres possíveis na sua essência e necessários por meio do ato de criação do Ser Primeiro. Assim, a primeira emanção que provém diretamente do Ser Primeiro, é um ser possível em si e, mediante o ato de criação, torna-se necessário ainda que contendo um inseparável elemento de contingência. Sua existência é simultaneamente possível e necessária. Sobre esta dualidade repousa todo mecanismo da teoria das emanções. Nela, o primeiro ser emanado, conhecido como Primeira Inteligência, é numericamente Um. Porque criado, introduz-se nele a multiplicidade de um modo accidental pois sua existência é possível em si e, simultaneamente, necessária porque conhece sua própria essência enquanto conhece o Ser Primeiro e Necessário. Sua multiplicidade está na sua própria essência onde reside a possibilidade porque tem, do Primeiro Ser, sua existência necessária.

De idêntico modo a processão das emanções continua até a esfera da Lua que pertence à Inteligência Agente e que constitui uma fronteira entre o mundo imutável e o nosso mundo em perpétua mudança. O Universo pensado neste sistema cosmológico atinge um dos principais objetivos da filosofia de al-Fârâbî: conciliar os princípios racionais com a fé corânica.

## BIBLIOGRAFIA

ARKOUN, MOHAMMED. *Essais sur la Pensée Islamique*. Paris, Maisonneuve & Larose, 1984.

BADAWI, ABDURRAHMAN. *La Transmission de la Philosophie Grecque au Monde Arabe*. Paris, J. Vrin, 1987.

———. *Histoire de la Philosophie en Islam*. 2 Vols., Paris, J. Vrin, 1972.

GUERRERO, RAFAEL R. *Historia de la Filosofia Medieval*. Madrid, Ediciones Akal, 1996.

HEATH, PETER. *Allegory and Philosophy in Avicenna (Ibn Sînâ)*. Philadelphia, USA, University of Pennsylvania Press, 1992.

MADKOUR, IBRAHIM. *La Place d'al-Fârâbî dans l'École Philosophique Musulmane*. Paris, Adrien-Maisonneuve, 1934.